

des factos, que somos forçados a las-
sar por tanta imprudência, reunidos
astigação, segundo se affirmava do ex-
ector da colonia Lujahy, dêrão, ha-
uecs diã, o resultado da morte de um
mo e o ferimento de outros; e que
o ainda vem demonstrar que o siste-
de colonisar nada tem de vantajoso.

contemporaneo, orgão da democra-
que tanto cêra perdido em elogiar o
governo, não nos pôde contestar
nô estamos fallando sério.

verdade é esta: tudo permanece e
finará no mesmo estado, até que o
ido das grandes iniciativas, venha
de algum tempo de reflexo, sa-
os males que nos conduzem ao des-
ito estrangeiro.

REVISTA POLITICA

erreceu as honras de uma can-
ção humoristica do órgão democrati-
go que ha dias publicamos, sobre a e-
pêe—O partido democratico republi-

collega para fazer espirito affirma que
duas vezes e não o pôde entender, ca-
lo do socorro de Champalio para a
scifração.

o admira que assim acontecesse, com
os politicos desprevistos, porqu
tualida das coisas que narradas não
ríveis, é preciso vê-las e com os olhos
a terra ha de comer.

astoradamente não se dá somente com
lega, é com todos os politicos da sua
e, que não sabem a significação de todas
coisas, nem se virão jamais cercados
da balbuidia.

estudiam que pela epigrapho o artigo
meu uma dissertação sobre republica
trubia, como parecia prometter de prin-

verdade que passara por esta doceçãõ,
que não continuou a fazer espirito.
s quem se julgou no caso de fazer co-
ta ao tratar de tal assumpto?

publica em outro paiz, é um delirio
i tero razão de ser, no tempo em que
ablicanos não são aulicos.

publicanos que se assignaõ subditos re-
tas do rei, é uma ironia que só se pre-
a para o tempo em que a monarchia

havia de fazer-se eudatarios e portadores do
pastas.

O republicano é aquelle que professa a do-
trina do revolver contra o peito da monar-
chia, e não pôde por sua honra alienar esse
principio, nem servir de secretario da euti-
dade que abomina.

O que fazem este papel, degradão-se aos
olhos não só de todos os politicos, como ain-
da de todos os homens honrados.

Fazer, portanto, uma dissertação sobre tal
politica, era manifestar ao estrangeiro as
miserias de nossos concidadãos, e a vergo-
ha dessa especie de politicos brasileiros...

Com homens taes, com aquelles que apri-
gão na véspera um programma, para ras-
gal-o no outro dia, se lhes fosse dado a go-
vernção do paiz, que miserias e desgraças
não d'assaltariam?

Nós os temos visto espinhando a lei.

O facto ainda recente da sua dictadura
prova que nada lhe vale o voto da nação.

Sua esta é a escola democratica do Brazil,
e os preferimos ser servos da Russia!

O collega pergunta se já vimos o Times;
nós lhe respondemos do modo mais serio, o
que já vimos.

Achoo tto daviados vêrmos o Times, quanto
mais sabel-o entender...

Não nos importa que o Jornal do Com-
mércio se extenuasse deste ou daquele
modo, sobre a excellencia do governo actual; mas
é que é certo é que aquella folha nunca es-
teve em opposição a governo algum; mo-
tivos que dêrão o Diario official e o collega,
são menos confessaveis para a dignidade da
primeira imprensa do paiz.

Na questão das cambias, o parsiello foi
infeliz, porque, de um lado vio-se o ministro
honrado tomando a si uma responsabili-
dade para cobrir a corã; de outro a versatil-
dade; e talvez no fundo, um negocio muito
fêco.

A censura que se fez, de um ministro dar
demitido economico, e outros em algumas
coisas largamente prodigos, prova a falta
de unidade de vistas, e de conclusões que ha
na execução de seductor programma das
economias.

Afinal, scandalisou-se o collega porque
no correr da penaa descapou o verbo degom-
mer applicado aos seus ministros, e offere-
ceu um po smente a quem fez a sua deci-
fração.

Ora, o que será degommer na lingua fran-
ceza? Um bicho de sete cabeças, que tantas
cogecas causou ao collega!

Mas o collega que sabe tanto, como não
decompoz aquella palavra degommer?

Degommer é tirar a gomma.

E quando se diz que o ministro tal tirou
a gomma de outro, isto é que o desengom-
mou, parece que se lhe dá o sentido proprio
da coisa...

E o collega permittê-nos que tambem
lhe facamos uma pergunta?

Já vio o Figaro? Duvidamos. Pois se
o vio, procure em os numeros contemporã-
neos de Guisot, e ahí ha de vêr este, em
uma entrevista com lord Palmerston, di-
zendo-lhe: Mylord moi-même, je suis degom-
mé....

O que quereria o Figaro dizer com isto?

Naturalmente que lhe tinhas tirado a
gomme...

Com que fim pois, o ministro da Fazenda
procurou contrariar as ordens terminantes
dos negocios d'agricultura?

O fim foi mostrar que fez o que entender,
e não dá satisfacção ao da agricultura!

Este, determinou aos presidentes da pro-
vincias que recommendam ás thezourarias
que—não entreguem dinheiro algum aos
directores da colonias; e que essas paga-
mentos se façam por empregados das thesou-
rarias; e logo apoz veio a ordem do the-
souro—declarando que aquelles inspectores
não continuassem a mandar empregados
pagar nas colonias, pois que o governo deve
ter nellas directores de toda confiança. (!)

O que revela pois, directores de toda con-
fiança, senão uma censura ao seu collega?

Nem outra coisa pôde explicar esta do-
or not da entre membros solidarios do gabi-
nete.

A pois chamaria o Figaro—du de-
gommage.

A vista de tudo isto, o presidente do con-
selho pôde fazer o papel do primeiro mi-
nistro inglez—primus inter pares?

Ora...

Escreverem-nos de Tubarão!

O vice-presidente, que inaugurou o
reinado das trevas no paiz, pensando que
exultava a camera municipal d'esta
villa, exonerou-a da administração e re-
parou o caminho da serra, a nomeou,
em substituição, uma commissão onde
figura o supplicio de delegado Firmino
José Nunes.

Actos de semelhante natureza não de-
precia a quem d'elles é victima, e sim

a boca herbe e rosada como a de uma mu-
lher, ha barba e o cabello desse louto desma-
diado que é característico dos ragas do norte;
a voz era melodiosa e insinuante, e talhe as-
belto e aristocratico, o vestuario, apoz de
completamente molhado, era de extrema e-
legancia;

Tenho tirado de uma pequena mala, que
trazia a tiracolo, algumas peças de roupa,
diz-me aêto:

—Dá licença que vista este facto encluto?

—Tinha a bondade de entrar para aque-
le quarto, disse meu avô, indicando-lhe uma
das alcovas da sala.

Um momento depois, volta o desconheci-
do, trazendo na mão direita um talles de
ouro, e na esquerda uma garrafinha do mes-
mo metal.

—Meu choro amphytrio, disse elle, con-
vido-o a tomar comigo um calice de verda-
deiro cognac.

—Eu nunca bebo, replicou meu avô.

—Não bebo cognac? exclamou o des-
conhecido. Oh! o senhor não sabe apre-
ciar a melhora, a mais perfeta das maravi-
lhas bacchanicas! O cognac é a panacea u-
niversal, é o remedio infallivel contra o ca-
lor e contra o frio, é o preservativo de todas
as enfermidades, é o agente mais poderoso
das alegrias e dos risos, é o mais efficaç in-
spirador dos poetas! Bebo á sua saude.

E, de um só trago, esvaziou o calice.

Depois, fechou os olhos, e assim ficou por
muito tempo em beatifico recolhimento a
saborando o seu incomparavel cognac.

—Como isto é bom! exclamou elle por-
fim. Sinto-me outro do que era ha pouco;
tenho a cabeça um tanto pesada, mas não
estou embriagado. Embriagado? Não! é
cognac não me embriaga! Oh! eu atio

a quem os praticos, por isso que, acima
da offensa está o caracter dos indivi-
duos offendidos, tanto mais quando é
preposto do governo é um Firmino, que
por certo, hada estar lembrando do que
sofreu por causa dos bois do finado Ca-
valheiro, de Lages, e pelos quaes pagou
cem mil réis, sem que por muita mis-
ericórdia, nada mais soffresse.

A um homem d'estes escolheu, o go-
verno da mcia noute para autoridade
policia, e quer que por toda a parte se
apregõe sua conducta como moralidade,
seus actos despidos da parcialidade e
espírito partidario.

Veremos o que fará a nova commis-
são—Firmino—que, entretanto, temos
certeza que não adiantará idéas!

Quanto ao sr. Firmino, elle em tto se
admirará da sua escolha para ambos os
encargos, que só poderia ter lugar na si-
tução misera e desoladora que corre.

Não se esqueça tambem do que fez ao
—Quintiliano.

Na parte facidictorial, val pu-
blicado um artigo, pedindo a attenção
do ex. sr. dr. presidente da provincia
para a nomeação de uma autoridade po-
licia, sobre a qual pesam gravissimas
imputações.

Honesto como é s. ex., não querera
que, nos funcções publicas, estaja um
individuo que não pôde honrar o cargo
que occupa.

O chronista regenerador pre-
ga como S. Thomaz: tendo apresenta-
do á deputação geral o dr. Braga, enten-
de agora que é um mal á sua vida apre-
sentação, porque terá de ter effeito por
um partido!

Era então, essa apresentação, uma ap-
pistema, no dizer do padre Cunha, para
os conservadores espremerem? porém
hoje, quem são os que têm de espremer?

Prevenimos as nossas antigas
das localidades que a qualificação que
tem de servir para a chamada do volun-
te na proxima eleição, é a de 1876, de
conformidade com o aviso que abaixo
transcrevemos:

« Circular. — 1.ª directoria. — N.
1341. —Ministerio dos negocios do Impe-
rio. —Rio de Janeiro, em 19 de Junho de

um incendio no peito bebendo labaredas,
hei de apagar o incendio bebendo angustia.

Velho! acrescentou elle dirigindo-se
meu avô, a ninguém digas que me viste be-
ber este fogo ephemero do cognac! En-
querra que, todos, saibam que D. Pedro, Bo-
telho, primeiro medico de sua alteza o prin-
cipe D. João, poderoso regente dos reinos
de Portugal, Brazil e Algarves, só bebe
cognac! Velho! tu tiveres ainda san-
gue n'essas veias, buber-tu-hia todo, para
matar esta sede ardente que me devora; mas
tu...

E soltou uma gargalhada estentada,

—O cognac, disse elle passando instantes
subio-me á cabeça, estou como gomo. Meu
amigo, dê-me uma canna, e fique certo de
de hoje tem a honra de chôr hospedagem a
D. Pedro Botelho.

Meu avô, admirado das extravagancias
do seu hospede, e talvez bem arrependido de
ter desprezado os conselhos de sua mulher,
respondeu-lhe:

—A canna está feita na alcova em que mu-
do de roupa; pôde ir dormir á beira da
noite.

Meu avô acompanhou-o até á porta da al-
cova, e depois foi tambem dormir.

Mal que o vio, minha avô exclamou:

—Ah! João, João! que hospedastes em
nossa casa o proprio diabo!

—Ora, mulher, deixa-te de historias!

—Aquella homem está de um doido, mas
adiante! Vai dormir! minha velha, que
o teu mal é somno.

Momentos depois todos dormio, só minha
avô velava com medo do diabo.

(2)

(Continúa.)

FOLHETIM

AO CORREIO DA PENNA

(Cousas sem pé nem cabeça)

por

Galeno Heracleto.

O CASTELLO MALDITO

D. PEDRO BOTELHO

Meu avô morava em uma casa na en-
de uma das cochilhas; que margem
lho que conduzia a planície em que foi
ruído o castello. Todas aquellas ter-
partiam-lhe, e elle, ajudado pela
e se cultivava continuamente de mo-
que, por toda a parte, vicejaram as ro-
cujos productos eram vendidos no mer-
da cidade, e, por isso, meu avô era to-
pelo mais abastado lavrador d'estes lu-
s, e geralmente dava pousada em sua
a aos viajantes que, como o senhor, vi-
am da cidade com destino á aldeia de...

Na noite de 13 para 14 de junho de 1796,
o avô foi despertado, por fortes pancadas
e alguezes dava na porta.

—Minha velha, disse elle á minha avô,
i secundar a candea em quanto me visto
ir ver quem tem.

—Para que te has de levantar a essa ho-
ra, com o frio que está fazendo? Quem
está, que siga o seu caminho, e deixa-
em paz.

Ora minha velha, não crevas como cha-
blava a ventura! é como o vento gelado
shamphôto?

—Pois, sim; mas é que a tenho medo.

—Medo do que, teitona? Será esta a
primeira vez que, á tanta lyra, se tenha
aberto a nossa porta para dar pousada a quem
a pede? Deixa-te de medos e vai accender
a candea.

—Eu nunca tive medo, mas hoje... não
sei o que me advinha o coração.

As pancadas na porta repetiram-se com
dubrada força. Meu avô tomou a candea,
que minha avô accendeva a tremor, e foi a-
brir a porta.

—Não abras, meu velho!

—Abro!

E abriu.

Um homem de estatura gigantesca pré-
cipitou-se na sala, no momento em que uma
rajada de vento apagara a candea.

A pesar do completa escuridão em que
tinha ficado a sala, meu avô distinguio per-
feitamente o vulto do recém-chegado, por-
que do seu amplo capote alba um tesse
claro phosphorecente, porque os seus olhos
eram tambem brilhantes como carvões em
brasa.

—Ficamos da cêr do nosso meitre, disse o
desconhecido por entre uma risadinha sar-
castica.

—Queira esperar um instante em quanto
eu vou accender a candea, disse meu avô.

Dê-me, meu choro amigo, que que a ac-
cenderes de novo, esvaziando-me morro.

E, realmente, accendeu a candea, não
porque o morto se inflammasse ao contacto
d'as, mas porque da boca do desconhecido
saíam uma sentença vivissima.

Meu avô ponde-se a examinar o seu hos-
pede.

Este era, como já disse, de estatura gi-
gantesca, tinha os olhos azues e longuidos,

aproveitão, poderá haver apparencia de simulação de opinião, porém nunca opinião real, sincera, capaz de produzir as inabaláveis e generosas dedicações, as únicas dignas de criar governos livres nos países que são regidos pelo systema representativo.

REVISTA POLITICA

Quando ha pouco tempo disse- mos neste jornal que o sr. vice-presidente, dr. Joaquim da Silva Raulho, julgava um acto de legitimação de terras, em que tinha immediato interesse, como procurador da parte, vimo-nos forçados a não poder provar incontinentemente nossa asserção, porque a certidão da procuração apresentada pelo recorrente tinha seguido nos autos para o governo ou conselho d'Estado. Ignorava-se então a data, mas agora podemos apresental-a, e affirmar que no tempo em que foi passada, achava-se o sr. dr. Raulho em Lages, e é natural que ali lhe fosse entregue a certidão da mesma, e portanto estava elle revestido do mandato e não podia ser julgador em causa propria.

Eis a prova, que hoje produzimos, de uma das mais audaciosas façanhas daquelle vice-presidente!

CERTIDÃO.

Certifico que um livro de notas numero duas a folhas vinte tres verso a vinte quatro existe a procuração seguinte: Procuração em nome de José Luiz Vieira, como abaixo se vê. Sabido quanto esta virem, que tendo no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo do mil oitocentos e trinta e sete, nos vinte de Março do dito anno, em meu cartorio desta cidade de Lages, compareceu João Luiz Vieira, reconhecido de mim pelo proprio, do que dou fé, e por elle me foi dito perante as duas testemunhas adiante assignadas que pelo presente e na melhor forma de direito nomeia e constitui seu bastante procurador na capital da provincia (cidade do Rio de Janeiro) onde reside o sr. JOAQUIM DA SILVA RAMALHO como poderes gerenciaes e especiaes para em nome d'elle interpor e como se presen te fôr, DEFENDER TODO O SEU DIREITO E JUSTICA perante o exm. sr. presidente da provincia (*) contra qualquer tribunal, em

(*) E o sr. verbalmente perante a...

FOLHETIM

AO CORREIO DA PENNA

(Colôr não pôs nem cabeça)

por...

Galeno Henriques

O CASTELO MALDITO

Capitulo II

EXTRACÇÃO

Tinha-se passado a noite procellosa, e o sol surgia luminoso e esplendido, inundando de luz o dorso das montanhas—onde o hyverno começava a entender o seu vasto manto de neve.

Nas florestas os passarinhos anteviam os seus cantos harmoniosos, saudando a vinda do astro do dia; o lagr. gozava-se das urubas, o campo de musgo gado.

Mou avô levantou-se ao romper da manhã, e o fôr, como de costume, ordenhar as vacas.

Nem elle mais se lembrava de que tinha um hóspede, e de que esse hóspede era, no dizer da sua mulher, o proprio diabo, quando ouviu a voz fresca e argentea que lhe dava os bons dias:

—Quer D. Pedro já de pé? perguntou meu avô levantando-se da banquinha em que estava assentado, e indo apertar-lhe a mão.

—Eu sou muito malgradado, respondeu D. Pedro.

—É admirável, porque os homens, que, como vós, foram criados ao corpo, são geralmente dorminhocos;

—E verdade que, na corte, dormimos muito, porque lá nada ha que não seja inipido, que não cause tédio. Na roça, ao contrario, convivia-se a malgradar este quadro esplendido que nos cercava, este espectáculo sempre novo e encantador do despertar da natureza; estes perfumes...

uma acção de medicação de terras nacionaes pertencente a elle outorgante; requerer tudo quanto precise fôr, allegar, anhangar, apelar e recorrer de qualquer despacho ou sentença, usar de todos os recursos necessarios, e sem reserva de alguns d'elles, podendo estabelecer esta em quem convier e tudo quanto fôr o dito seu procurador, ou subestabelecido, promette dar por bem, firme e valioso. E de como assim o disse e pediu, lavrô este instrumento que lhes foi accellor, retido e assignado com as testemunhas Roberto Sanford e Antonio Rodrigues Borges. Eu José Luiz Pereira tabellão o escrevi e assignei em publico e raso. — João Luiz Vieira, — Roberto Sanford. — Antonio Rodrigues Borges.

Em testemunho de verdade—estava o signal publico.—O tabellão José Luiz Pereira.—Até o que continha em dita procuração, que della se extrahiu a presente certidão e de original me reporto em meu cartorio nesta cidade de Lages aos 23 de Abril de 1878. Eu José Luiz Pereira, tabellão, subverbi e assigno em publico e raso.—E a testemunha de verdade (signal publico) assignei em publico e raso.—Sello n.º 1. 200. Paga duzentos réis de sello. Lages 23 de Abril de 1878.—Neves—Cidade.

Está apresentada a certidão.

O organo do governo foi quem lavrou a sentença do sr. dr. Ramalho declarando que se existisse tal procuração, ex. ex. devia ser denunciado ao supremo tribunal como prevaricador.

Damos publicidade a este documento, para que o publico conheça a differença que ha entre os homens honestos, que têm occupado este cargo, e o sr. Ramalho que praticou actos tão feios!

Que homens estão á frente do partido liberal!

O que nós lastimamos é o julgo que terá pronunciado a respeito dos politicos desta terra o exm. sr. dr. Lourenço C. d'Albuquerque, que que infelizmente não nos conhece e veio em qualche em que não pode separar o joio do trigo...

Enviámo-lhes o seguinte escripto:

«Sr. redactor.—No Jornal do Commercio do dia 5 vem ha um pedido firmado por um catharinense em que hums descomposto com hums sonha, e grande desconfiança proprias de capadocio usou—o visco—nesta grisa de regateira...

me que só o campo tem. Como eu seria feliz, si pudesse, abandonando a corte e suas festas murtuosas, vir aqui viver n'esta remota de paz e tranquillidade, vir crear de aqui uma felicidade, que lá me foga, que lá procejo em vão! Oh! acredite, meu caro amigo, que tenho inveja, ou que não sou invejoso, da sua sorte, d'este desconfiança a plácido viver de lavrador!

—Para um homem rico, como v. s. deve ser, não ha impossivel. Quem, pois, o impede de trocar o bulício do corte pela tranquillidade do campo?

—Oh! sim! Eu sou rico, sou talvez fabulosamente rico; mas muitas vezes todo o ouro da terra é pouco para a satisfação de um desejo?

—O desejo, qm v. s. manifestou ha pouco, não é de ordem d'esses, que, nem com todo o ouro da terra, podem ser comprados.

Este sr. puro que respiramos aqui, este perfume suave dos campos, estas auras resplandecentes, estas aves com seus cantos, estas flores com seus recessos embrios, estes lagos, e estas fontes, estes rios, estas ondas da natureza, este beneficio; algumas brachas de terra, uma casinha alegre e branca, uma margem de um lago transparente e calmo, ou ha encosta de um outeiro verdejante compraz-me com muito pouco ouro.

—Tem razão, meu amigo. A felicidade, a verdadeira felicidade que consiste em de gozar pouco, é tam pouco custosa que adquiremos se consideram felizes todos os homens!

Neste momento foram interrompidos por minha avó, que acclamava para almoçarem.

—Sr. D. Pedro, vamos almoçar, e depois, se lha aprouver, iremos ver as minhas plantações.

—Eton á sua disposição, respondeu D. Pedro. Creio que hoje, estando ainda aliadas as estradas, não virão os meus creos de buchofê.

Dapois do almoço, foram ver as roças,

Quem ler, nesta capital, com espirito desprevenido, a nossa primeira carta ao jornal referido, ha de reconhecer que nada adulteramos, e que não nos afastamos da verdade; e nenhum homem que se preste a refutar e por modo tão brutal e cynicamente, os factos que foram declinados. Poderia quando muito étipical-os, nomear os negarios.

Coube esta gloria, como tantas outras, ao sr. José Alvim, que não quiz perder o ensejo de prestar bons servicos ao seu contraparte Joaquim Raulho & Olympio Pitanga, firma esta que aqui quebra lanças e tarsaladas, pela candidatura de tão preclaro assigno herde...

Faz bem o sr. Alvim: é por modo tal que a. s. provará sua dedicação e lealdade a estes tão prestimosos e devotados amigos.

A referencia, ao appello feito ao criterio dos ministros conservadores, como facto justificativo da innocencia do sr. Olympio, é realmente uma das muitas com que costuma sahir-se o sr. Alvim, em occasiões de apurão...

Que lha agradeção a fneza, o sr. Simbó e a thesauraria.

—Osr. Fabio, Julio Silveira e mais pessoal desta repartição mandam um voto de reconhecimento ao sr. Alvim pelas boas auencias que lhes tom feito...

E assim se escreve a historia! — O correspondente do Jornal do Commercio.

Publicamos integralmente a carta que nos foi remetida de Santa Amaro, affirm de que exm. sr. dr. chefe de policia foga aciente do modo porque naquella frequencia procede a autoridade policial, e toma de providencias que o caso exige.

«Am. e sr. redactor.—Santo Amaro, 2 de Julho de 1878.—Os humes que mais têm fallado em liberdade, desmentem a cada passo as suas palavras.

São mais despotas que os Cesares, e mais tyrannos que os Napoleões.

«Um subdelegado, nos annos anteriores ao corrente, recolhia-se sempre de certa idade e homem de infundir respeito.

«Porém, um subdelegado era então um cidadão como qualquer outro; sendo apenas depositario daquillo que lhe somente está descrita na reforma judiciaria.

«Hygeia da patria a coisa muda muito...

Durante a excursão, B. Pedro não cessou de gabar a fertilidade das terras, e o systema de lavours que me avô adoptára.

Tudo parecia encantado, tudo motivava-lhe as perguntas ou uma pergunta.

Era-me dia quando vou lrearm.

—Sr. João, disse D. Pedro depois do jantar; que extensão têm os terrenos d'esta fazenda?

—Cinco legoas pouco mais ou menos.

—Si eu quizesse comprar-lhe, o senhor m'o venderia?

—Si o preço me conviesse...

—E quanto quer por elles?

—Custaram-me dois contos de réis, mas hoje valem mais alguma coisa, por causa das plantações.

—Pois eu dou-lhe dez contos de réis por elles.

—Diz com de réis? O senhor dá-me dez contos de réis pela minha fazenda? perguntou meu avô ao augo da satisfação?

—E o que tem isso? de que se admira?

—E já lhe não disse que era fabulosamente rico?

—Dez contos de réis! dez contos de réis! repetiu meu avô, seduzido pela importância do offerecimento.

—Extremista; meu amigo, dez contos de réis é adonçadissimo condicoes.

—Quase não, sr. D. Pedro? quase não?

—A primeira é que, dentro de trez dias, ha de entregar-me a casa.

—Não tenha cuidado. Eu posuo outra fazenda aqui perto, e em trez dias, mudome. Qual é a segunda?

—A segunda, é que quero tomar para o meu serviço, aquelle m'oço que está habendo acól.

—O meu Joaquim? E' meu filho, sr. D. Pedro, e eu não quero separar-me d'elle.

—Ora, adeus! Pago cincoenta mil réis por meo. Serve?

de figura: um subdelegado só se compra a um rei pequeno!

«Não o veja ali, porque, mais ou menos tem tendencias para um incendio em Roma, como Nero, ou um ataque á honra de alguma Lucretia como Tarquinio!

«Vamos declinar alguns factos para não fallar em vão.

«No fim do mez passado houve aqui um casamento de um sujeito que pelo nome não perca a que appareceu seu genro Francisco de tal... morador na Varzea do Bragui como é natural, por força do Bragui, esta louca alguma coisa fôr do costume.

«Pois foi preso e algemado, passou a noite inteira com algemas, e só no outro dia que foi solto.

«Se o subdelegado procedeu assim, dias depois o seu primeiro suppleta fez outro tanto, mandando prender e algemar, sem estar em exercicio, o cidadão Joaquim Eulio.

«Adão estas autoridades e o professor publico ameaçando a todos que não são votantes liberais.

«Affirmo-nos de que para aqui já pediram vinte praças para fazer eleição.

«Deixo porém de narrar-lhe factos mais particulares e escandalosos por serem algum tanto da vida privada, mas que em uma autoridade só serve para demoralisar... Sou o de V... Vr. e Cr.—S.

Proposito conhecido de christão a Regeneração em querer dar vulto á uma conversação que teve o nosso distincto amigo sr. Domingos Luiz de Costa e o sr. Leitão revelou pela maneira enérgica que o referido, quando a mesma coisa fôr dita ao sr. Motta, a este não teve a susceptibilidade de queixar-se a ninguém.

O que se passou foi o seguinte: antes de se abrir a sessão da camera municipal o sr. Costa disse ao sr. Leitão que tendo sido elle o sr. Motta, os denunciantes do procurador da camera, não parecia bem que fossem elles mesmos os membros da commissão de exame.

Que aliás disse, não se tinha exigido um balancete, como se devia, para depois se verificar a exactidão dellas; que elle, era de opinião que se cahisse com as penas de lei, não houve culpa, mas que se fizesse as coisas de modo a não parecer por seguição.

Ao ouvir isto sr. Leitão saltou, interro-

—Pode contar com o rapaz.

—Minha avó, que tudo ouvira, chamou meu avô á discrição.

—João, por tudo que mais ames n'este mundo, não vendas a nossa casa e o homem, não lhe entregues o nosso filho.

—E porque não?

—Porque... não sei, mas este homem mette-me medo.

—Elle já-me dez contos de réis pela fazenda; e paga cincoenta mil réis por meo ao nosso Joaquim.

—Para que queremos nós esse dinheiro?

Não somos já bastante ricos?

Somos, mulher; mas uma pã com um pedaco de pão e melio.

—Tu és muito ambicioso, e ainda ha de ser-te fatal essa ambição.

—Quando vires os dez contos em bonita moeda, ha de mudar de opinião, disse meu avô voltando-lhe as costas.

Passados trez dias, meus avós installavam-se n'esta casa: meu avô satisfeito com o negocio que fizera; minha avó, a soular desgraças, que, infelizmente, tinham de realisar-se.

Oito dias depois, D. Pedro Botelho, acmpanhado de um exercito de trabalhadores, appareceu a casa e incendiava as roças, cuja beleza vicia; tanto o tinha seduzido.

—Porque arruina a casa e queimou as plantações? perguntou-lhe um dia meu avô.

—Porque assim me aprouve, respondeu bruscamente D. Pedro: Cumpri-lhe tudo isto com o meu avô, sou aqui senhor, não tenho contas que lhe dar!

Dizendo isto, tinha nos olhos um fulgor tam mais, quanto mais se sentia os seus arrastados de lagrimas, a repello em vez baixos.

—Ah! minha velha! minha velha, tu tinhas razão: D. Pedro Botelho é um mau homem!

(Continúa.)

mos terem os concessionários satisfeito o quanto determina o parágrafo terceiro.

O parágrafo quarto impõe o declive de cinco por cento nas grandes distancias e de sete por cento nas pequenas.

No perfil longitudinal o auctor do projecto satisfaz perfeitamente essa disposição, o que podemos affirmar pela verificação que procedemos no desenho.

Podem permittir v. ex. que façamos algumas considerações sobre este ponto, e torna-se necessário para isso reproduzir as palavras do auctor do projecto em sua memoria descriptiva.

Diz que no dia 9 de Dezembro de 1875 o exm. sr. presidente da provincia dr. Bandeira de Mello, depois de ouvir as razões que elle apresentou, lhe authorisava verbalmente a collocar gradientes conforme o terreno exigisse e não conforme as limitadas exigencias do contracto.

Em Maio de 1876 recebeu noticias da commissão que o governo exigia os gradientes do contracto, noticia esta, que o obrigou a alterar a linha no Figueiredo — e na Canadões onde tinha collocado em certos lugares gradientes de um a nove por cento com grande economia em diheiro e distancia.

Esta allegação, nos parece que jamais deveria ser narrada, visto que nada aproveita nos concessionários que só por meio de modificação no contracto poderão obter essa alteração de accclives.

Declara mais o auctor do projecto na mesma memoria que para evitar a desgraça de perder o serviço, collocou em certos lugares gradientes de maior percentagem do que exige o contracto, mas nunca mais de ordinario em estradas de rodagem em terrenos montanhosos.

A linha de projecto traçada com tinta azul no perfil longitudinal apresenta accclives mais fortes do que sete por cento e a encarnada accclives d'entro do limite do contracto, e muita utilidade traria no projecto se podesse haver comparação entre ellas; porém não nos é permitido isso fazer por entendermos que um traçado obrigatório sete por cento não pode e nem deve servir para accclives muito mais fortes sem que fique prejudicada a grandeza regra de economia em distancias, não resultará na adopção dos accclives mais fortes; o mesmo acontecerá que um traçado supportando accclives até dez por cento não poderá ser utilizado para uma estrada com accclives até sete por cento, por que esta, sem duvida, se desenvolverá muito mais afim de evitar grande movimento de terras.

Já vê pois, v. ex., que procedendo como

o auctor do projecto, facil nos seria traçar no mesmo perfil longitudinal uma outra linha de projecto com accclives até quatro por cento, muito embora fosse enorme o movimento de terras a remover.

O parágrafo quinto marca o limite de 22,500 para os raios de curvatura, que foram observados pelo auctor do projecto, não parecendo porém que esses alinhamentos curvos deverião ser desenhados separadamente, para melhor verificação.

Não podemos acreditar que as ligeiras picadas que examinamos no terreno sejam feitas para um traçado definitivo de estrada; as estacas que encontramos não são de madeiras de lei, (*) como v. ex. teve occasião de examinar pelas que apresentamos a v. ex. logo após a nossa chegada a esta capital, não ficando portanto cumprido o parágrafo sexto da codificação segunda.

O parágrafo setimo foi cumprido com a apresentação da memoria descriptiva de todo o trabalho; restando-nos somente constatar o ponto em que o auctor do projecto, procurando argumentos para provar que não tinha lugar a exigencia do contracto na parte dos accclives, apresentou o facto da estrada de Graciosa na provincia do Paraná, que sobe a serra do mesmo nome com dez por cento e até em uma curta distancia elevava-se a sessenta por cento.

Não temos conhecimentos locais d'essa estrada, porém revendo o relatório de a. ex. o sr. ministro da agricultura do anno de 1876, vimos que a subida da serra foi effectuada com seis por cento não conforme affirmo o auctor do projecto.

Resta-nos finalmente examinar se o organimento apresentado está nas condições exigidas no parágrafo oitavo.

Para provarnos o contrario, basta tão somente a declaração feita pelo auctor do projecto na memoria descriptiva, de que a tabella de movimento de terras foi somente organizada para se obter a informação necessaria para confeccionar o organimento, e que por força ha de ser mudado na collocação final da linha.

A implantação definitiva da linha pelo deslocamento das estacas que occupam os verticados dos ângulos substituídos por curvas, marcando-se logo os pontos de tangencia das mesmas curvas com os lados dos ditos ângulos, é serviço que faz parte de um projecto de estrada e que já deveria estar executado no terreno.

Quanto porém a tabella de movimento de terras, não nos consta que se possa fazer

(*) As que tivemos occasião de ver, na parte de a. ex. o sr. dr. presidente d'então, eram de taquara.

Porque será que Cerbero está ladrando? perguntou D. Pedro, indo á janella.

Quando elle voltou, já meu pai tinha deitado fora o vinho.

— Já bebeu? perguntou D. Pedro.

— Já, respondeu meu pai, e, si me dá licença, vou me deitar, porque estou a cair com sono.

— Pois então vá dormir.

Meu pai foi para o seu quarto e deitou-se. D'ahi a pouco, sentio passos no corredor, entreabriu as palpebras e viu D. Pedro que vinha verificar si elle realmente dormia.

Depois do convencer-se de que era profundo o seu sono, D. Pedro sahio.

O relógio acabava de dar meia noite, quando meu pai ouviu um grito de agonia, e, logo em seguida, a voz de D. Pedro, que bradava:

— Não te calarás, miseravel creatura? Depois o estalar de um chicote e gritos suffocados...

Meu pai levantou-se, e, guiado pelos gemidos e pela voz de D. Pedro, chegou a uma sala em que elle nunca tinha entrado...

A porta estava entreaberta, e elle pondeu o que quadro mais horroroso que é dado imaginar-se.

Uma mulher extremamente magra e pallida estava ali estada pela cintura com uma grossa corrente, cuja extremidade ia prender-se á parede.

Vestida com uma túnica branca, mui semelhante as alvas dos condemnados, os longos cabelos negros em desordem, estava a misera ajoelhada sobre a palha, que servia-lhe lo leito, a entender as mãos supplicantes para D. Pedro.

Os olhos, amortecidos pelas lagrimas e pelas vislumbres, eram formosos ainda; o rosto descahirado era de uma belleza ideal.

Depois de um curto silencio, apenas interrompido pelos soluços da presa, D. Pedro perguntou com voz chorosa:

alterações na locação final da linha, porque desapareceu deão já a exactidão do organimento.

Alem d'isto o organimento não está acompanhado das tarifas de preços elementares e compostos, nem das formulas empregadas no calculo para o transporte de terras.

Epitalando, já nos cabe pedir a benevolencia de v. ex. para as faltas que aqui se encontrão e que a alta sabedoria de v. ex. sabrá prever, reallendo como fór mais acertado. — Deus guarde a v. ex. — Illm. e exm. sr. dr. José Bento do Araújo, dg. presidente da provincia. — Carlos Moreira da Abreu, Carlos Othen Schlappal.

REVISTA POLITICA

Os inimigos de sr. dr. Pitanga; na saua de defendê-lo das accusações que sobre elle pesam, com relação aos dinheiros do estado, não trepidam em deturpar até os mais nobres caracteres do seu proprio partido.

E' assim que, ao honrado sr. inspector da thesouraria geral, liberal muito distincto, que não pactua com espertezas de quem quer que seja o que não faz politica ao exercicio do seu cargo, dêram aquelles senhores carta de conservador e o apregam como principal perseguidor do muito honesto sr. dr. Pitanga!

E como, em attenção á familia Silveira, não pôdem dizer é mesmo do contador d'aquelle repartição, o sr. Julio Cesar, que tem concordado com os pareceres da Junta de Fazenda, dizem que este empregado, despeitado pela importancia que o seu partido dispensa nos sr. José Theodoro, que a todo transe quer ser inspector da thesouraria, procura por esse meio, fazer sentir o seu amor proprio offendido.

Não, porém, que apreciemos com calma os movimentos dos officiaes amigos e contrarios do sr. dr. Pitanga, podemos garantir que o sr. Fabio Quadros não é conservador, e que, honrado funcionario publico sempre como tem sido, não procura manchar a sua reputação, perseguindo ao ex-director das colonias Itajahy e Príncipe D. Pedro.

O seu nobre caracter não se prestará á semelhante infamia.

Elle não tem feito mais do que mandar to-

— Estás hoje enfim resolvida a dizer-me o nome do teu amante?

— Que nome queres que te diga, D. Pedro; si esse amante só na tua imaginação existiu?

— Vou vencer a tua pertinacia, exclamou D. Pedro.

Homem á disciplina, de que estava sermão, acollou a desgraçada, cujas roupas se tingiram de sangue.

— Piedade, D. Pedro, piedade para a infeliz, cujo unico delicto foi amar-te muito! bradava a pobre mulher rojando-se-lhe aos pés.

— O nome, o nome do teu amante?

— En nunca tive amante, porque só á ti amei, e ainda te amo, apesar d'este martyrio tão cruel e tão injusto.

D. Pedro tomou os anjinhos, applicou-os ás mãos da mulher, apartou-se á ponto de esguschar o sangue pelas unhas da padecente.

— Confesses? perguntou elle.

— Estou innocente! bradou ella por entre as contorsões da dor.

D. Pedro foi buscar o fogaieiro, tirou com a tenaz um carvão em brasa e encostou-o ao peito da mulher. — Ao contacto do fogo, ella soltou um grito de dor, e uma espiral de fumo branco levantou-se da carne cauterizada!

— Confesses? repetiu o barbaresco.

— Ah! D. Pedro, D. Pedro! porque me maltractas assim? O que te fiz? Em que deiquisei? Eu era tão feliz, quando creança desconhecida e alegre, brincava nos meus formosos jardins da Andaluzia! Quem me dissera então que eu, tão mimosa e tão querida de meus pais, me havia de ver hoje tal como me vejo? Um dia vi-te, D. Pedro, e tu eras então formoso, tão formoso como és hoje; eras a viva imagem d'esses bellos cavalleiros dos contos das mil e uma noites. Tu me fallaste em amor, e eu, toda ardendo em amor, consagrei-te o coração.

mar as contas d'aquelle ex-director, de conformidade com a lei.

Não ha razão, pois, para se lhe accusar. Podemos tambem affirmar que o sr. Julio Cesar, mui intelligente e esperancoso, não se intendia por certo que o sr. José Theodoro venha servir de prego á roda do carro da sua vida publica.

Entre um e outro a differença é grande.

Procurém outro caminho, que o seguido até aqui os conduz irremediavelmente á rocha Tarpeia.

E' sempre injusta nas apreciações do nosso caracter o chronista do organo do governo.

Não costumamos pautar o nosso procedimento de jornalista pelo sen, affirmando hoje uma coisa, para no dia seguinte, por meio de evasivas, dar explicações sui generis.

Atribue-nos sentimentos menos confessáveis em relação ao seu prestimoso e popular amigo, o sr. dr. Pitanga.

Qual tem sido a nossa conducta na imprensa, deante das graves imputações, que lhe são feitas pela sua gorençia da colonia Beusque?

O silencio, — para depois de varmos decidida esta questão, pronunciar um juizo seguro sobre probidade desse individuo.

Nos apuros em que o temos visto, condemnado até pelos proprios amigos, temos tido bastante força de vontade, para não sermos arrastado por outro sentimento que não seja, o da justiça.

A questão em que está envolvido com a Thesouraria de Fazenda, na prestação de contas de grossas sommas do estado, é por sua natureza gravissima, tanto mais rodeada como tem sido, de incidentes que parecem não auxiliarem o credito de tal funcionario.

Entretanto, a nossa abstenção, se por uma parte explicamos pela seguridade que queríamos ter de nosso juizo, por outra, não deixamos de calcular as vantagens que disso tiraria o mesmo sr. dr. Pitanga, se se lembrasse de fazer-lhe a questão politica.

Nos, pois, sabemos ha multos que se locupletam com os dinheiros publicos, e affinal tudo se resolve por meio da politica.

Se acompanharmos a voz publica, em re-

Como foram felizes os primeiros dias do nosso casamento! Como tu eras meigo apaixonado! Depois... — Um dia te disseste que eu tinha um amante, acreditaste a calunnia, da bom tornaste tão má, traste o amor de esposa pela cruza do verdugo! Eu sou innocente, D. Pedro; mas, si mesmo assim me odeias, leva a meus paes este esqueleto de mulher que elles te deram, e eu o elles beijarem essas mãos tão tingidas do meu sangue! Não queres, D. Pedro? preferees que eu morra? Pois bem! macta-me, macta-me já, não prolongues mais este martyrio!

E a desgraçada beijava os pés do algoz!

D. Pedro pagou nos cabelos da sua victimas, batiu-lhe com a cabeça nas lugeas, que ficaram tingidas de sangue!

Neste momento, a parede rasgou-se com estampido horrivel; um anjo vestido de candidas roupas e resplandecente de luz, lançou-se no carcere, tomou nos braços o cadaver da desditosa moça, e com elle aumil-se em uma nuvem branca que pairava no espaço...

Meu pai fugiu esparvido, no momento em que a casa, abalada por um braço invisivel, desmoronava-se, sepultando em suas ruínas o assassino cruel.

No dia seguinte, o sol illuminava aquelles destróes que o senhor viu silenciosos e armos durante o dia, mas que á noite se povoam de phantasmas pavorosos, que aquecem os ossos do martyrio no fogaieiro, e as chamas parecem que vão consumir os restos da casa maldita.

— Eis aqui, disse-me o velho lavrador, a historia d'aquellas ruínas. Si algum dia tornar a passar por ellas, fuça o signal da cruz, e siga, sem parar, o seu caminho.

No outro dia continui a minha viagem, resolvido a contar aos leitores esta historia, tão desadornada como a ouvi do pobre campones que m'a referiu.

FIM

FOLHETIM

AO CORRER DA PENNA

(Coesa sem pés nem cabeça)

POR

Galeno Heracleito.

O CASTELLO MALDITO

III

ALGOZ E MARTYR

Apenas se tinham passado trez mezos, e já á beira do arreo campouva a casa acastellada de D. Pedro Botelho.

Naquelle casa, porém, não reinavam o bulicio e as alegrias da familia; o sepulchral silencio que ali reinava era apenas quebrado pelo ladar do esnoar que que vigiava a entrada.

Entretanto, moravam ali trez pessoas — D. Pedro Botelho, meu pai e um negro mudo. Os trublhedores tinham desaparecido, sem que ninguém podesse dizer para onde tinham ido.

Meu pai, não obstante, era mui bem tratado por D. Pedro, que o fazia assentar á sua moza sempre lauta, que lhe dava optimas camis e que só o occupava em cagar.

Todas as noites, quando acabavam de ceiar, D. Pedro obrigava-o a beber um canice de vinho, e, depois, mandava-o dormir.

Depois de algum tempo, meu pai notou que aquella vinha cansava-lhe im muito tam juvenel e tam pasado, que nem o maior ruido era capaz de despertalo.

— Hei de saber, disse elle um dia, si realmente é o vinho que assim me faz dormir.

E immediatamente tomou a resolução de deitá-lo fora quando tivesse occasião, e de modo que D. Pedro não o visse. Passados alguns dias, apresentou-se-lhe favoravel o tempo. D. Pedro tinha-lhe enchido o copo, quando o cto. começou a ladar fortemente.